Carne bovina 2000

A pecuária brasileira de corte atravessa uma fase de profunda modernização. O maior setor econômico da agropecuária enfrenta hoje inúmeros desafios. As decisões dos próximos anos oferecem a oportunidade de colocar nossa pecuária de corte como uma das mais, se não a mais, modernas e competitivas do mundo, e também a maior.

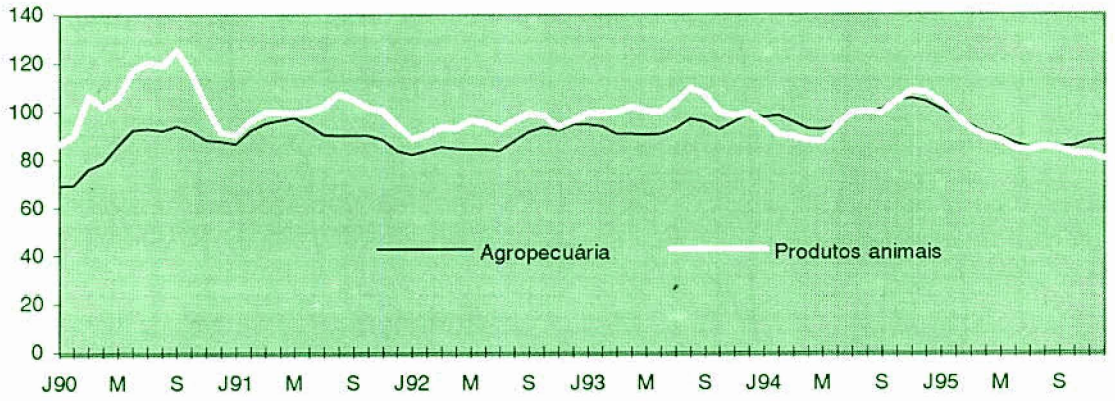
A dimensão continental e o clima, no Brasil, oferecem a possibilidade de desenvolver uma pecuária extensiva moderna, que produz carne em condições de excelência ambiental. Mas a pecuária brasileira enfrenta um desafio geográfico. Os ciclos de abertura de fronteiras não mais conseguem repor a exaustão das pastagens de derrubadas de matas. A revolução das *brachiaras* nos cerrados também atingiu maturidade, exigindo alternativas para a manutenção e o acréscimo da capacidade de suporte.

A renovação de pastagens, através da rotação com lavouras anuais, tem ainda um importante papel. O equacionamento de custos requer, porém, produtividades cada vez mais difíceis de ser obtidas nas lavouras, em terras de primeiro ano. As experiências de adubação de pastagens parecem estar atingindo um ponto que exige um novo modelo de manejo e alimentação. Embora ainda não esteja definido o predomínio a ser dado, se de fósforo, nitrogênio ou fórmulas mistas, o elevado número de tentativas acabará indicando uma saída. O crescimento constante do confinamento estabiliza os preços durante praticamente o ano todo e reforça a oferta de animais para abate, evitando surpresas. O recente acréscimo da suplementação protéica e mineral na seca, no manejo do rebanho, parece indicar um importante rumo.

O desenvolvimento genético também sofre profunda transformação. Abandonou-se de uma vez por todas a prioridade pelo fenótipo, utilizando-se cada vez mais avaliações de progênies. As discussões no campo voltam-se agora para a seleção das características desejáveis, através de estatísticas de diferenças esperadas de progênie, as DEP. Acrescentam-se, ao peso e aos rendimentos de carcaça, características adicionais de precocidade e, no futuro, de eficiência biológica.

O fenômeno da genética de choques sangüíneos de linhagens diferentes, a heterose, que tem papel preponderante na moderna avicultura e suinocultura, encontrou seu espaço na pecuária de corte, com os chamados cruzamentos industriais. Não se trata de tirar espaço das raças puras, taurinas ou zebuínas, mas de alavancar o processo de seleção. Os índices de desfrute dos rebanhos (percentual que vai a abate anualmente) deverão ter importantes incrementos. O desafio encontra-se hoje na extensão rural, passo essencial para a divulgação tecnológica.

Brasil — preços recebidos pelos agricultores
Índices corrigidos



A comparação entre a curva dos índices de preços recebidos pelos produtos da agropecuária (lavouras, mais produtos animais) e dos produtos animais mostra que, após a implantação do Plano Real, os preços recebidos pelos pecuaristas registraram evolução inferior à média do setor.

A saúde animal, questão básica dentro do conceito de qualidade, recebeu grande impulso nos últimos anos. A participação do setor privado, em particular do pecuarista, através de recursos financeiros e, principalmente, de apoio político para as estruturas públicas e projetos de parceria, transformou a questão sanitária. A febre aftosa, a mais simples e política das doenças, finalmente encontra-se no rumo da erradicação. Nos dois estados do Sul já estamos há dois anos sem focos, e no circuito pecuário do Centro-Oeste, o maior circuito pecuário do mundo, pode-se verificar grande progresso. A pecuária brasileira em futuro próximo estará livre desta doença, mudando para melhor o patamar de preços da carne exportada.

A aftosa representa ainda um impeditivo para o acesso a importantes mercados externos. É preciso reconhecer, porém, que a carne bovina brasileira ainda é mal-comercializada no exterior, independentemente desse problema. Talvez o exemplo mais gritante de ineficiência institucional seja a comparação entre a chamada cota Hilton do Brasil e a da Argentina, país que também convive com a aftosa, mais de cinco vezes maior. As cotas de cortes especiais recebem tratamento tarifário especial da União Européia, atingindo, portanto, preços muito mais altos. Seus volumes envolvem negociações bilaterais, onde o Brasil fica sempre para trás. Não cabe culpar apenas o governo, mas principalmente o setor privado, que não tem conseguido viabilizar uma negociação competente.

Talvez o exemplo mais gritante de ineficiência institucional seja a comparação entre a chamada cota Hilton do Brasil e a da Argentina, país que também convive com a aftosa, mais de cinco vezes maior.

A comercialização de bovinos em geral sofreu no passado a influência positiva de uma ampla divulgação de informações sobre preços, através da televisão e da multiplicação dos leilões de gado. Não existe produtor, seja ele pequeno ou grande, que não saiba quanto vale seu produto, bezerro ou boi gordo.

O desafio hoje é reformular a comercialização da carne, introduzindo nesse processo o consumidor, ainda ausente de maneira inaceitável. Trata-se de um elo essencial; afinal é para ele que o setor produz. A pecuária precisa receber estímulos do consumidor, necessários para seu adequado desenvolvimento. Está aqui, certamente, o principal desafio para o setor produtivo nos próximos anos.

É preciso qualificar e certificar o produto, garantindo características essenciais e possibilitando uma ação mercadológica. Hoje o consumidor é obrigado a arriscar, levando para casa produtos muito diferentes quanto a qualidade, maciez e sabor. A qualificação permite diferenciar tipos, segmentar mercados e identificar preferências. A seleção genética realizada pelo produtor, aliada ao sistema de alimentação mais eficiente, poderá receber informações claras e precisas do consumidor sobre a carne de sua preferência.

Exatamente que tipo de informação levar para o consumidor, e principalmente como levar, é a grande questão. Qual o número de características que o sistema de qualificação do produto deve ter? Das referências básicas, como idade, sexo, peso da carcaça e cobertura de gordura, podemos até sofisticar para marmorização ou gordura entremeada, cor do músculo e da gordura e mesmo área do lombo.

Quem garantirá a qualificação é por si só outra grande discussão. O sistema de certificação deve ser estatal, federal ou estadual? Com que tipo de fiscalização? Deverão ser desenvolvidas exclusivamente marcas privadas, como alguns frigoríficos já fazem? Existe espaço e capacidade de organização para sistemas de parceria com a participação de pecuaristas, frigoríficos e comércio? São estas as questões a enfrentar.

Os efeitos do plano econômico impactaram de maneira direta a pecuária de corte. Nada melhor do que uma análise dos índices de preços pagos e recebidos elaborados pelo Centro de Estudos Agrícolas da FGV para compreender a conjuntura que assola o setor.

O lado positivo é que, nas crises, a criatividade aumenta e soluções inimagináveis anteriormente costumam se materializar. A aceleração dos progressos nas áreas de genética, alimentação e em particular de comercialização é uma realidade. O lado negativo fica para o produtor ainda não minimamente tecnificado, abandonado pelos governos e sem organização, que se distancia cada vez mais da eficiência, acelerando um triste processo de marginalização.

PEDRO DE CAMARGO

Pedro de Camargo Neto, doutor em engenharia de produção pela Epusp, é presidente do Fundepec — Fundo de Desenvolvimento da Pecuária do Estado de São Paulo.

Tecnocarne — II Feira Técnica de Produtos para a Indústria de Carne

de 16 a 19 de abril de 1996, das 13 às 20h no Expo Center Norte — SP

Estaremos lá, procure-nos no stand 127.J